

Mulher: figura impossível (ou “No litoral”)[♦]

Marcus André Vieira

Referência:

Vieira, M. A. Mulher: figura impossível (ou “No litoral”). *Opção Lacaniana*, n. 65, São Paulo, EBP, p. 69-72, 2013.



1.

Consumista, louca, mas também criativa e empreendedora; não nos faltam figuras do que seria tipicamente feminino. Assumimos, porém, com Lacan, que a mulher não existe no sentido de que seu essencial não tem essência, não se insere no campo da representação. Como se articulam, então, o feminino de Freud e de Lacan e as imagens do feminino na cultura?

Ajuda partir da oposição desenvolvida recentemente por Miller, que retoma o par *essência* e *existência* aplicando-o ao gozo e mais especificamente ao gozo feminino.¹ “A mulher não existe” é lido a partir da oposição entre *ser* e *real*. A mulher não tem ser, por isso, não existe como essência, o que não impede que algo nela lhe dê algum tipo de existência.

Já o masculino teria, esse sim, essência. O homem se reconhece por seu gozo: sempre no mesmo lugar, seguindo as mesmas regras, as da castração. “Não posso ficar nem mais um minuto com você, sinto muito amor, mas não pode ser”, com essa canção creio poder traduzir imediatamente do que se trata para vocês. Morar sempre em algum Jaçanã é a essência masculina, sustentada pela identificação com um Pai, aqui, o trabalho, e pelo amor de uma mãe. A partir dessas articulações edípicas de referência, o gozo é sempre parcial e limitado, mas por isso mesmo, especialmente intenso, o que faz a glória e a miséria dos homens.

As mulheres, não tendo do pai a identidade, mas apenas o amor (nem de longe tão incondicional quanto o de uma mãe) serão bem menos localizadas por seu gozo. Ele ganha outro modo de presença – a ponto de Lacan chamá-lo: *Outro gozo*.

Sem a firme essência edípica, ele estaria bem mais próximo do que seria o gozo como tal - da vida que em nós existe e insiste, mas que em si, não há como representar. Prosseguindo com o samba, ele é como a Portela para Paulinho da Viola: De um azul, tão azul, que não é nem do céu, nem do mar.

O poeta, porém, já indica a saída. O que não é nem do céu, nem do mar, pode mesmo assim ser figurado como “foi um rio que passou em minha vida”. Como esse real é irrepresentável, o melhor modo de localizá-lo será através das imagens do que é, sem ser. Se o real não tem representação, o melhor modo de localizá-lo talvez seja, assim, pelas imagens do que é, sem ser.

Resolve-se a questão da articulação entre o feminino e a feminilidade. A feminilidade passa a ter lugar exatamente pelas encarnações do irrepresentável. Como ensina R. Barthes, é esse o discurso previsto pela cultura para as mulheres: o da ausência do amado, do silêncio, da falta e de tantas outras Penélopes que se aproximam do

[♦] Apresentado na plenária “Mulher: figura impossível”, do *XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano – Mulheres de Hoje, figuras do feminino no discurso analítico*, Salvador Novembro de 2012.

impossível pela impotência.² Resolve-se a questão da articulação entre o feminino e a feminilidade. A feminilidade teria, assim, parte com o feminino sem com ele se confundir, pois este, como tal, seria o sem figura do real. “A” mulher, como Freud indica (relendo o *Mercador de Veneza*), se existisse, teria como figura maior a da morte.³

2.

Proponho deslocar a ênfase no que as considerações de Lacan sobre o gozo feminino são uma questão clínica para nós, analistas e analisantes, mais do que ultrapassamento de uma suposta impotência freudiana ou resposta lacaniana quanto ao lugar da mulher na cultura.

Pode-se dar lugar estável ao gozo sem a referência ao Édipo? Em termos mais gerais: como dar destino ao real sem passar pelos poderes da representação? E nem mesmo os poderes da representação do negativo (como a morte).

Assim colocada a questão, creio que a resposta terá de ser “sim”, pois é exatamente o que ocorre em nossa clínica. O real em uma análise não é apenas vazio, silêncio, ou trauma. Ela lhe dá lugar e não necessariamente no campo das essências e do saber.

A lógica é usada por Lacan como apoio para transmitir este aspecto de uma análise. Escolhi uma de suas indicações no *Seminário 19*, a da diferença entre *parte* e *elemento*.⁴

Um exemplo poderá nos ajudar: um sujeito se pergunta sobre a excitação que o toma quando seu pai lhe põe ocasionalmente a mão na perna. Só isto. Houve época em que nesse ponto intervinham pensamentos obsessivos sobre uma identidade homossexual (que nada tem a ver com seus interesses, mas que lhe provocavam os mais variados rituais). Do mesmo modo, quando a sós com seu próprio filho, sua emoção só encontrava forma por meio de uma ideia insuportável: “e se eu o beijasse na boca?”. Após um bom tempo de análise e de ter reduzido o conjunto de seus determinantes a pouca coisa, ele chega a um limiar, assinalado por aquela mão na perna, em que parece possível encontrar-se com algo ali, naquele instante, que ainda é bem dele, um mundo de amor e gozo com relação a outro homem, mas que se libertou do jugo do pensamento, o pensamento de uma tendência homossexual, por exemplo.

Aqui entra a distinção entre parte e elemento. Fazer parte de um conjunto não é a mesma coisa que ser elemento dele. São modos distintos de presença e existência. Por exemplo, somos, cada um, aqui, elementos desse auditório, somos contabilizáveis. Mas o que temos nas bolsas e bolsos, por exemplo, ficarão imprecisos, desta plenária não são elementos, mas fazem parte dela. Nossos celulares e os amigos do facebook são parte desse momento, mas dele não são elementos.

Quando para aquele sujeito obsessivo da mão na perna o encontro com o desejo do Outro tinha que ser contabilizado, ser um elemento de sua história, ele tinha que ser incluído como homossexualidade. Ter que tomar este tanto de vida como elemento e não como parte é justamente o drama do obsessivo.

Mas também da menina que, pequena, vê o pai adormecer em seu colo e, incapaz de se mover para não acordá-lo, fica imóvel por longo tempo. Quando ele acorda e se

levanta, ela tem em sua coxa a orelha do pai marcada em vermelho. Essa cena indelével registra o gozo que lhe foi subtraído e ao mesmo tempo aquele que, por esse próprio trilhamento, encontrou um modo de se contar no campo da representação - sempre do mesmo modo, como elemento, primeira marca de sua eterna decepção com os homens.

3.

Mas há mais. Mais do que apenas indicar a diferença entre parte e elemento, Lacan se apoia na propriedade matemática de que o conjunto que inclui partes e elementos, mesmo impreciso, é sempre maior que o conjunto dos elementos. A partir daí, demonstra como este gozo pode ser incluído na conta sem ser necessariamente ser contabilizado.

Dito de outro modo, a vida é sempre mais do que sua narrativa, o real está sempre em excesso com relação ao simbólico, ao que se conta. Estes trilhamentos, como os que eu acabo de destacar, não precisam ser elementos de uma vida, podem ser parte. Inclusive porque, como os divinos detalhes do amado, se contabilizados vendem barato o gozo.

O que define se algo entrará na conta como elemento ou parte? O modo de contar e de sustentar sua própria história. É o que permite uma análise, que ao reunir tanto o que se conta quanto o que não se inclui na conta, pode levar um gozo até então tomado no plano dos elementos a ganhar lugar como parte. Não mais a homossexualidade obsessiva, portanto, uma excitação deslocalizada a partir da mão do pai pousada na perna.

A meu ver, o principal é como isso muda o próprio corpo. O ponto de irrupção deste gozo no corpo não será mais fixo, como a orelha do pai, não mais trilho e sim litoral. Esse é o litoral lacaniano.⁵ É preciso, porém, vivê-lo "de dentro" e não olhá-lo da janela do avião. Senão trilho ou litoral dão na mesma. Sempre delineando um traçado igual a si mesmo. Como em nossa clínica só vale o que é "de dentro" e não de longe ou de cima. Só de longe o litoral é sempre o mesmo. Quando estamos na praia, na beira da água, o encontro entre água e areia produz diversas áreas de ativa indefinição. Esse é também o *Há-um* do *Seminário 19*. Vivo, sujeito a tempestades, mas também às delícias do entre-dois.

Resumindo para concluir: Experimentar e sustentar estes acontecimentos de corpo-litoral, depende da retomada de nossas tantas histórias para sua estabilização de outro modo que não pela definição estática dos seus elementos. Uma análise reduz a epopéia de uma vida a poucos, mas inestimáveis, elementos que passam a fisgar um tanto do real em excesso e os vai amarrando em uma bricolagem singular, que inclui um sem numero de partes e sustenta um modo "litoral" do gozo.

A surpresa do gozo deslocalizado, "feminino", desse corpo litoral, passa pela certeza de que a singularidade é essa bricolagem, instável gambiarra, que o tornou possível. Por isso mesmo, não pode ficar guardada, exige partilha. No final, então, talvez, só haverá psicanálise enquanto pudermos passar nosso tempo, já o indicava Freud, como

as mulheres faziam, a trançar nossas bricolagens com os fios extraídos de nosso próprio ser, e em torno disso conversar.⁶

¹ Miller, J. A. *Curso da orientação lacaniana*, 2010-2011, "O Ser e o Um", Paris, inédito.

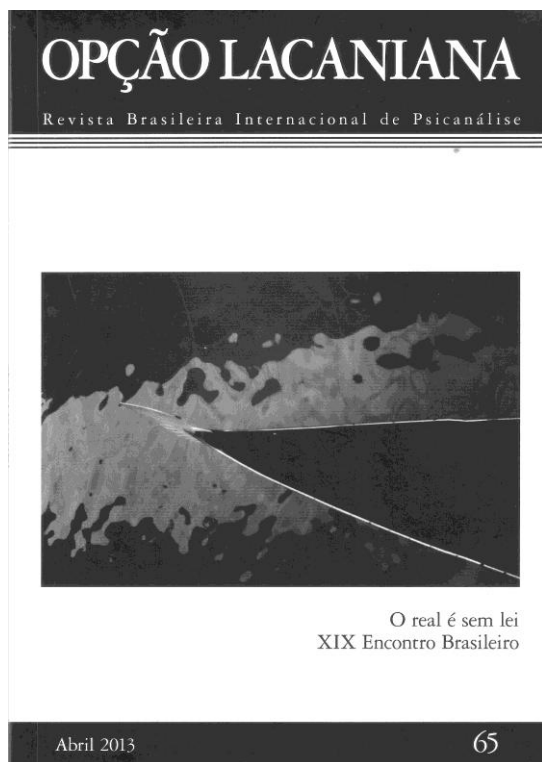
² Barthes, R. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, São Paulo, Martins editora, 2003.

³ Freud, S. "O tema dos três escrínios", *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* v. XII, Rio de Janeiro, Imago, 1913/ 1976.

⁴ Lacan, J. *O Seminário, livro 19, ... ou pior*, Rio de Janeiro, JZE, 2012. As seguintes passagens concentram, neste seminário, o que desenvolvo: "Além disso, no Um da diferença há duas coisas: o um que surge do zero, o do elemento, e o um do somatório dos subconjuntos (das partes) de um conjunto (p. 164)". "Quando se trata de articular sua consequência, o Um da diferença tem que ser contado como tal no que se enuncia daquilo que ele funda, que é conjunto e que tem partes. O Um de diferença é não apenas contável, como *tem* que ser contado nas partes do conjunto" (p. 181). "O alicerce da teoria dos conjuntos é que o um, que há, o do conjunto das partes, é distinto do um do elemento, o *singleton* é o que marca o um do elemento" (p. 138).

⁵ Cf. "Lituraterra", *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003.

⁶ FREUD, Sigmund. 1932. "Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Conferência XXXIII. Feminilidade". *Op. Cit.*, v. XXII, p. 139-165.



OPÇÃO LACANIANA

ISSN 1519-3128

Opção Lacaniana é uma revista psicanalítica brasileira internacional
Editada por Edições Eolia
Rua Albuquerque Lins 902/212 01230-000
São Paulo – SP – Brasil – Fax: (5511) 3826 9731

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise
Acordos com "La Lettre Mensuelle" da École de la Cause freudienne

Integra a rede Scificet III que reúne ao lado de *Omnicar?* as seguintes publicações:
Cligue, Belo Horizonte; *Cuadernos de Psicoanálisis*, Bilbao;
El Psicoanálisis, Madrid; *Freudiana*, Barcelona; *La Cause Freudienne*, Paris;
La Psicoanalista, Roma; *La Psychanalyse*, Atenas; *Mental*, Paris-Bruxelas;
Opção Lacaniana, São Paulo; *Quarto*, Bruxelas

FUNDADORES: Antonio Benetì, Angelina Harari, Bernardino Horne, Luiz Henrique Vidigal

DIRETOR: Jacques-Alain Miller

EDITORA: Angelina Harari

COORDENAÇÃO: Teresinha N. Meirelles do Prado

COLABORAÇÕES: Heloisa Galdas (*Tradução*), Marcus André Vieira (*Clássicos*),
Teresinha N. Meirelles do Prado (*Distribuição e Revisão Técnica*)

DIAGRAMAÇÃO: Angela Mendes e Fabiane Daniels

IMAGEM DA CAPA: Angela Mendes (fotografia)

Os colegas que desejarem receber *Opção Lacaniana*
por correio ou desejarem difundir-la, podem dirigir-se à
Redação pelo e-mail oplacaniana@gmail.com.

Ana Lydia Santiago – Do amor pelo pai ao feminino. **55**
Celso Rennó Lima – Analistas modernos ou contemporâneo?. **61**

MULHER: IMPOSSÍVEL FIGURA

Marcela Antelo – Amanhecer de um aspecto. **65**
Marcus André Vieira – Mulher: figura impossível (ou “No litoral”). **69**
Maria Josefina Sota Fuentes – Tormento feminino da impossível figura. **73**

AFINAL, QUAL É O SEXO?

Antonio Beneti – Qual é o seu sexo?, **77**
Sérgio Laia – A pegada masculina do gozo na escala invertida da lei do desejo, **83**
Jésus Santiago – A plasticidade da sexuação feminina, **89**
Heloisa Caldas – O binário lacaniano, **93**

PLENÁRIA DO PASSE: AE EM EXERCÍCIO

Graciela Brodsky – Parceiros, **97**

ABSTRACTS, 105